economia

Após tocar R$ 6,00, dólar recua 0,15%, a R$ 5,9262

Expectativa por nomes pró-mercado no Banco Central aliviaram o câmbio

/ MERCADO FINANCEIRO

MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL/DIVULGAÇÃO/JC



Dólar acumula alta superior a 16% desde a reeleição de Lula

Após ultrapassar o nível de R$ 6,00 pela manhã, algo não visto desde o início de abril do ano passado, o dólar à vista perdeu força na reta final dos negócios e terminou a sessão de ontem, em queda de 0,15%, a R$ 5,9262. Operadores atribuíram a melhora à informaçãode que a equipe econômica está empenhada em emplacar nomes "amigáveis ao mercado" nas duas diretorias vagas do Banco Central.

Pela manhã, o real chegou a amargar o pior desempenho entre as divisas globais mais negociadas, caminhando para seu sétimo pregão seguido de baixa. Houve relatos de saída de recursos do país e aperto da liquidez - o que suscitou a expectativa de nova intervenção do Banco Central. A moeda moderou as perdas ainda no fim da manhã, com o aumento do apetite ao risco e a disparada das ações de tecnologia nos EUA, na esteira da notícia da recondução de Jensen Huang ao comando da Nvidia.

Para o economista-chefe do grupo CPVAR, Marcelo Fonseca, os sinais de indicação de nomes com perfil ortodoxo para o Banco Central são "muito importantes" e explicam o alívio no câmbio. "A política monetária é, hoje, a grande âncora macroeconômica. Continuar a ter um BC técnico e qualificado é fundamental para estancar a piora do mercado", afirma.

Fonseca ressalta que havia o receio, por parte do mercado, de que uma ala do governo buscasse aumentar a influência sobre o Banco Central, sobretudo após a polêmica envolvendo a proposta do economista André Lara Resende, um dos formuladores do Plano Real, de reduzir a taxa de juros.

Apesar de o dólar acumular alta superior a 16% desde a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva, com alta de 8,85% apenas em novembro, o real não encontra espaço para uma recuperação. Além da manutenção de um prêmio de risco doméstico elevado, há um movimento global de valorização da moeda americana, diante da expectativa de alta de juros nos EUA, que reduz o apetite por divisas emergentes.

Do lado doméstico, havia a possibilidade de que o projeto de lei complementar (PLP) do ajuste fosse apreciado na Câmara ainda na segunda. O ministro da Fazenda, Dario Durigan, disse, ontem em evento do Itaú BBA, que o governo deve perseguir um superávit primário entre 1,5% e 2% do Produto Interno Bruto (PIB) até o fim do governo Lula.

Para Fonseca, do CPVAR, uma vez cumprida a meta de superávit de 0,5% do PIB em 2027, como proposta no PLP, a dúvida recai sobre o caminho que o governo vai trilhar para aumentar o resultado primário nos próximos anos. "Se houver nova onda de piora, com pressão sobre câmbio e juros, gradualmente o governo pode ceder em pontos que hoje considera inegociáveis", afirma Fonseca, em relação à dinâmica de crescimento dos gastos obrigatórios.

Real tem pior desempenho entre emergentes e cai 10,8% em três meses

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O Real foi a moeda que mais perdeu valor frente ao dólar nos últimos três meses entre 13 divisas de países emergentes. No período, a desvalorização chegou a 10,8%, superando as perdas registradas por moedas como o peso argentino e a lira turca. O desempenho brasileiro é ainda pior quando considerada a janela de 30 dias: queda de 14,3%, novamente a maior do grupo.

Os dados fazem parte de um levantamento do BTG Pactual, divulgado em 18 de novembro, que ajuda a dimensionar a pressão enfrentada pelo câmbio brasileiro nas últimas semanas.

O estudo, elaborado com informações da Bloomberg, mostra que o Real perdeu força de maneira mais acentuada do que outras moedas emergentes. Em três meses, enquanto a divisa brasileira recuou 10,8%, o peso argentino caiu 4,2% e a lira turca, 5,2%. Na direção contrária, o yuan chinês registrou valorização de 1,2%. O contraste indica que, embora o cenário internacional também pese sobre os países emergentes, a intensidade da desvalorização não foi a mesma em todos os mercados.

Quando a comparação considera todo o ano de 2026, porém, o Brasil aparece em uma situação menos desfavorável. Desde janeiro, o Real acumula perda de 5,3%, ocupando a oitava posição entre as 13 moedas analisadas. A lira turca, por exemplo, registra desvalorização de 17,3% no período. A diferença entre os resultados aponta que boa parte da pressão sobre a moeda brasileira se concentrou nos últimos meses, especialmente após as eleições.

Para o professor da Escola de Negócios da Pucrs Gustavo de Moraes, o movimento reflete uma combinação de fatores domésticos e internacionais, com destaque para a desconfiança dos investidores. "O problema é que o fundamento financeiro da economia brasileira é percebido como enfraquecido, sobretudo pela situação das contas públicas", avalia. Segundo ele, a ausência de uma sinalização mais convincente de ajuste fiscal aumenta a percepção de risco e contribui para a saída de recursos do País.

Moraes também chama atenção para as turbulências no mercado americano: em momentos de maior aversão ao risco, investidores internacionais tendem a reduzir posições em economias emergentes, mesmo quando os problemas que desencadearam a instabilidade estão concentrados nos Estados Unidos.

A perspectiva de manutenção dos juros americanos em níveis elevados por mais tempo acrescenta outra dificuldade, ao tornar os ativos daquele país mais atraentes. "De modo algum considero que esse movimento seja exagerado. Ele está baseado nos fundamentos da economia brasileira e nas condições internacionais", afirma o economista.

A valorização da moeda americana preocupa porque seus efeitos não ficam restritos ao mercado financeiro. Produtos importados, viagens internacionais e insumos utilizados pela indústria ficam mais caros, enquanto parte desses custos pode chegar ao consumidor por meio da inflação. Para empresas exportadoras, por outro lado, o dólar mais alto pode favorecer as receitas obtidas no exterior.

A desvalorização do Real também ajuda a explicar por que o desempenho da Bolsa brasileira parece menos favorável quando observado por investidores estrangeiros. Segundo o BTG Pactual, o Ibovespa acumulava alta de 5,1% em reais em 2026, mas o ganho praticamente desaparecia quando convertido para dólares.

O índice, que estava em 169.295 pontos na referência do relatório - e ontem esteve na casa dos 165 mil -, apresentava o pior desempenho em dólares entre quatro mercados latino-americanos comparados pelo banco, atrás de Chile, México e Colômbia.

O levantamento também mostra que as ações brasileiras continuam negociadas abaixo de suas médias históricas de avaliação. O Ibovespa apresenta uma relação entre preço e lucro projetado para os próximos 12 meses de 7,2 vezes, ante uma média histórica de 10,4 vezes. Na comparação com o S&P 500, principal índice de ações dos Estados Unidos, o desconto chega a 60%.

Para quem investe, entretanto, a disparada do dólar não deve ser interpretada automaticamente como um sinal para transferir recursos ao exterior. O planejador financeiro CFP pela Planejar Michael Viriato, alerta que um erro comum é acreditar que a valorização recente da moeda americana continuará indefinidamente.

Fazenda reduz projeção de crescimento para o ano

/ CONJUNTURA

O Ministério da Fazenda reduziu a projeção de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) para este ano, ao mesmo tempo em que prevê um dólar mais alto e uma inflação mais elevada.

O crescimento do PIB passou de 2% para 1,9% este ano. A taxa de câmbio média projetada para 2026 passou de R$ 5,16 para R$ 5,19 por dólar, enquanto a projeção do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) foi revisada de 4,9% para 5,3% em 2026, acima da meta de inflação perseguida pelo Banco Central.

As novas projeções são do Boletim Macrofiscal, divulgado ontempela pasta. Para 2027, a Fazenda prevê um dólar a R$ 5,34 (ante R$ 5,23 na projeção anterior). Já a inflação para o próximo ano deve atingir 4,5%, alta de 0,7 ponto percentual, enquanto a perspectiva de alta do PIB caiu de 2,3% para 1,8% em 2027.

Em relação ao crescimento da economia, a queda de 0,1 ponto percentual, segundo a Fazenda, ocorre devido a uma alta menos intensa do agronegócio e um crescimento mais baixo da indústria.

De acordo com o boletim divulgado pela Secretaria de Política Econômica, o mercado de trabalho, que continua resiliente, o reajuste do Bolsa Família às vésperas da eleição e a proibição das bets no Brasil "dão alguma sustentação ao consumo no fim do ano".

Essa é a segunda redução consecutiva do PIB para o ano. Em setembro, a Fazenda reduziu em 0,3 ponto percentual a previsão de alta de 2,3% (projeção de julho).

As novas projeções da Fazenda mostram que o governo espera uma inflação acima do teto da meta perseguida pelo Banco Central (BC) este ano e no limite para o ano que vem.

A meta é de 3% ao ano, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual (ou seja, o limite vai até 4,5%).